

# LUZ & CENA

Editora Música & Tecnologia



R\$ 8,00

ANO XV - agosto 2012 - Nº 157  
www.luzecena.com.br

## O Mágico de Oz

Cenários, luz e figurinos ricos em detalhes na nova encenação do clássico

## Servidores de mídia

Os sistemas mais usados nas superprojeções

## Visualfarm

Video mapping e criatividade em larga escala

entrevista

## Binho Schaefer

Lighting designer de grandes nomes da MPB conta sua história

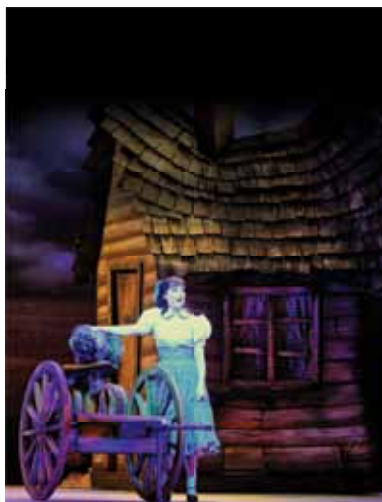




# LUZ & CENA

agosto 2012

foto capa: Theo Melgar



24

capa

O Mágico de Oz

Musical mostra riqueza de detalhes em cenários, figurinos e luz

por Rodrigo Sabatinelli

EDITORIAL .....	4
PRODUTOS .....	6
DESTAQUE .....	10
EM FOCO .....	12
HOLOFOTE .....	16
OPERAÇÃO DE VÍDEO .....	42
EDIÇÃO DE VÍDEOS COM FINAL CUT PRO .....	46
ILUMINANDO .....	50
GALERIA .....	56

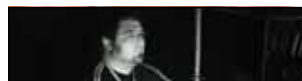


18

perfil

Visualfarm se destaca no mercado com suas projeções mapeadas

por Louise Palma



30

entrevista

Lighting designer de grandes nomes da música brasileira, Binho Schaefer conta sua história

por Rodrigo Sabatinelli



34

tecnologia

Os poderosos servidores de mídia

por Toshiro



56

galeria

Ela sob os olhos dela

por Patricia Costa



EDITOR  
MARCIO TEIXEIRA  
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA  
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO  
FARLEY DERZE, GLAUCO PAGANOTTI, LÉO  
MIRANDA, RICARDO HONÓRIO E TOSHIRO

REDAÇÃO  
FERNANDO BARROS,  
LOUISE PALMA E  
RODRIGO SABATINELLI  
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO  
CLIENT BY - clientby.com.br  
FREDERICO ADÃO  
LUIZ MILLER

PUBLICIDADE  
MÔNICA MORAES  
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS  
KARLA SILVA  
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO  
ERIC BATISTA

GRAFICA EDITORA STAMPPA LTDA.

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA  
EDITORIA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC  
86936029/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E  
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS  
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705  
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ  
CEP: 22753-900  
TEL/FAX: (21) 3079-1820  
(21) 3579-1821  
(21) 3174-2528  
E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR  
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL  
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-  
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

## História sem fim

Há histórias e histórias. Algumas são “estórias”, diriam alguns, mas rusgas ortográficas não vêm ao caso nesta hora. O fato é que algumas narrativas, de tão envolventes, de tão criativas e cativantes que são, não saem nunca mais do inconsciente coletivo. Pare um minuto e pense em quantas histórias você pode contar, mesmo que de forma resumida, à sua filha, filho, sobrinho, sobrinha, na hora de dormir. Quantos não são os contos que sabemos de cor e salteado simplesmente por serem histórias mágicas, inocentes e eternas como uma canção fácil, de poucas notas, mas emissora de infinitas cores.

Lançada em 1900 pelo escritor norte-americano L. Frank Baum, *O Mágico de Oz* é uma dessas histórias. O nome da obra é uma referência ao seu personagem principal, morador da Cidade das Esmeraldas, na Terra de Oz, que é um mundo fantástico, com muitos povos e bruxas más. E justamente para proteger-se dessas bruxas o tal mágico finge ser um grande feiticeiro. Depois de ser procurado por Dorothy Gale e ter seu segredo revelado, muitas coisas acontecem, e nós aqui não vamos dar uma de *spoiler*. Afinal de contas, apesar dos seus atuais 112 anos de idade, o conto segue rico, vivo, vibrante e digno de ser conhecido por quem andou dormindo no ponto nesse último século.

E justamente graças à sua força e ao encantamento que continua provocando após tantos anos, *O Mágico de Oz* trilha seu caminho clássico não apenas no cinema, mas também, e principalmente, no teatro. Tanto é que sua 31ª montagem chega agora aos palcos com direção da badalada dupla Charles Möeller e Cláudio Botelho. A nova versão, atualmente em cartaz no Teatro João Caetano, Centro do Rio de Janeiro, tem projeto de luz desenhado por Paulo César Medeiros, 14 cenários, criados pelo arquiteto-cenógrafo Rogério Falcão, e mais de 300 peças na composição de figurinos, assinados por Fauser Hatén. O custo total do espetáculo foi de R\$ 9 milhões, e como bem diz o repórter Rodrigo Sabatinelli na abertura da matéria, *O Mágico de Oz* ganhou a capa da *L&C* de agosto “por questões óbvias, que dividimos com vocês nas próximas páginas”. É conferir e deixar o queixo cair.

As outras matérias presentes nesta edição também oferecem boas doses de magia, cada qual à sua maneira. No texto de Louise Palma sobre a empresa Visualfarm, por exemplo, nosso leitor tem acesso a um impressionante histórico de criações em video mapping, uma das técnicas que só ganham vida graças aos servidores de mídia apresentados no texto do VJ Toshiro em sua primeira colaboração para a nossa revista. Por fim, você também encontrará nessa *Luz & Cena 157* uma belíssima entrevista com o lighting designer Binho Schaefer, conhecido por fazer a luz de shows de grandes nomes da música brasileira, como Milton Nascimento, Adriana Calcanhoto e Ana Carolina.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

# A CULTURA DA LUZ

## A CULTURA DO PROFISSIONAL DE ILUMINAÇÃO CÊNICA

E se fosse possível mensurar a cultura do profissional de iluminação cênica? Em um mundo tão rico de ideias produzidas por profissionais tão criativos, percebi a oportunidade de ficar atento à circulação de ideias em forma de texto (a escrita). Imagino que o estilo da escrita de um profissional, quando este expressa seu conhecimento ou uma ideia, possa contribuir para se detectar os padrões de valores que caracterizam parte da cultura desse grupo profissional particular – o iluminador cênico. Então, decidi categorizar o conteúdo de ideias que circulam de forma escrita no meio dos profissionais de iluminação cênica, já que é impossível ouvi-las a todo instante e em todos os lugares, tanto por razões geográficas quanto por razões de registro. Afinal, quando se conversa, as palavras evaporam, exceto se forem gravadas em vídeo ou áudio.

Assim, a escrita me pareceu a melhor solução técnica para lidar com o método de análise que me ajudasse a compreender o universo cultural desses profissionais. Eu entendo que é possível usar outro recurso além da escrita, e adianto ao caro leitor que tenho trabalhado nisso e espero oportunamente compartilhar aqui na *Luz & Cena*. Aliás, toda e qualquer crítica dirigida a

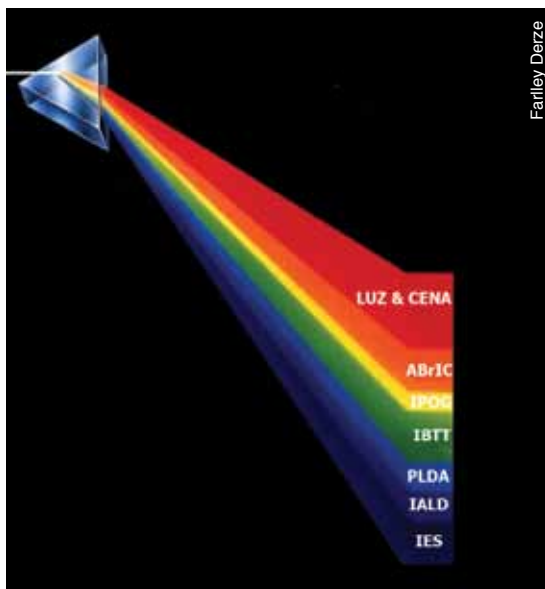
esta proposição será entendida por mim como uma valiosa contribuição ao método de mensuração do padrão cultural (massa de ideias) que caracteriza o meio profissional da iluminação cênica.

Vamos chamar esse método de análise, que pedi emprestada aos químicos, de decomposição temática. Parti do pressuposto que a natureza das preocupações que circulam entre os profissionais poderiam fornecer indícios do que eles consideram importante, e eu só precisava me concentrar na recorrência dos temas. Então, é necessário deixar claro o que foi considerado como amostragem de “texto escrito” dentro dessa proposta metodológica.

Há sete anos observo os e-mails, fóruns, entrevistas publicadas em revistas e jornais, opiniões, sites, apostilas, livros publicados, trabalhos acadêmicos de pós-graduação, mestrado e doutorado, como o conjunto de registros que preservam a vida das ideias, representadas pela escrita. Não há, de minha parte, nenhum juízo de valor sobre que ideia seria melhor ou pior, e nem tive esse interesse, até porque todo julgamento é limitado e contaminado pelo método empregado por quem julga. Eu prefiro não cair nessa armadilha, sobre a qual o filósofo prussiano Kant nos preveniu quando escreveu a *Crítica do Juízo*. Kant apresentou suas desconfianças sobre os limites do que seria possível, ou não, se conhecer por meio da faculdade de julgar, em que concorrem não apenas a razão, mas também a memória e os sentimentos.

## TEMAS EM CIRCULAÇÃO

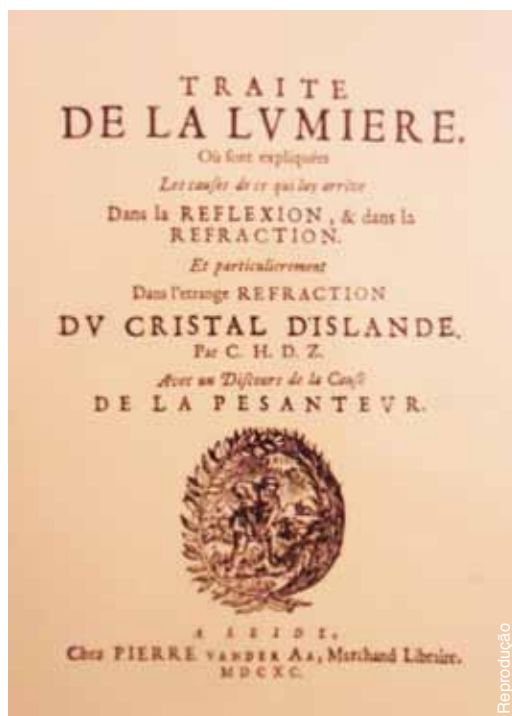
Quem é signatário da Associação Brasileira de Iluminação Cênica (ABrIC - [www.abric.org.br](http://www.abric.org.br)) e do Instituto Brasileiro de Tecnologia Teatral (IBTT - [www.ibtt.art.br](http://www.ibtt.art.br)) e quem tem por hábito visitar os sites das universidades para ler artigos, resenhas, dissertações e teses, já percebeu como é rico o panorama de ideias em forma de textos que já se produziu e circula sobre a iluminação cênica no Brasil. Desconheço melhor oportunidade para se conhecer e se compartilhar o conhecimento. Bem, aqui é hora de dizer como é desafiador e estimulante esse exercício de pesquisa bibliométrica para extrair categorias temáticas. Eu me vi no banco de escola nos



Cultura escrita

anos 1970, quando aprendia as primeiras noções de conjunto em matemática (“o conjunto A contém elementos tal e tal, o conjunto B contém elementos tal e tal...”).

Então, gostaria de apresentar-lhes os resultados preliminares da compilação feita até o momento. Com base no conjunto de ideias que são compartilhadas de forma escrita, penso que a cultura da iluminação cênica poderia ser representada por quatro eixos temáticos: a filosofia da iluminação cênica, a história da iluminação cênica, a crítica da iluminação cênica e a teoria da iluminação cênica.



### Da prática para a prática

Já que mencionei um outro recurso, além da escrita, que está em curso no método de análise a que me propus, apresento ao leitor uma categoria temática oriunda do registro visual (fotografia, cinema, vídeo, espetáculos ao vivo): a estética da iluminação cênica.

Essa categoria temática pode ser uma consequência de uma ou mais influências das quatro categorias acima citadas, tendo em vista que o resultado visual desta “estética da iluminação cênica” – cores, movimento, posicionamento dos artefatos no espaço, dentre outras variáveis que concorrem para a narrativa visual durante o espetáculo – pode ser fruto da cultura de ideias, muitas das quais nascem da fala, da conversa,

do bate-papo que um dia pode se converter em texto, e-mail, livro, fórum de discussão etc.

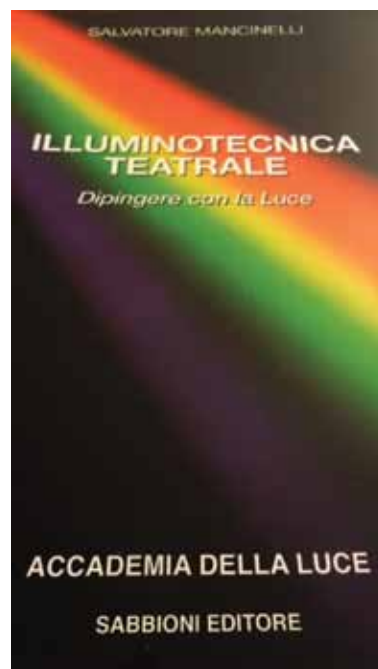
Então, cabe a pergunta: o que diferencia cada categoria temática cuja fonte de dados foi uma amostra de textos escritos? Eis a resposta que proponho...

A filosofia da iluminação cênica se caracterizaria por um conhecimento produzido pelo questionamento, pelas dúvidas, pelas hipóteses, cujo resultado seria a descoberta da reflexão.

A história da iluminação cênica se caracterizaria por um conhecimento produzido pelo acesso aos eventos ocorridos em determinado lugar e em determinada época, cujo resultado seria a descoberta da origem cultural das ideias e das técnicas.

A crítica da iluminação cênica se caracterizaria por um conhecimento produzido pela análise da relação de causa e consequência quando se busca a coerência entre o conceito que um profissional diz ter adotado e o produto que ele oferece, cujo resultado seria a descoberta da consciência.

A teoria da iluminação cênica se caracterizaria por um conhecimento produzido pela prática profissional oriunda dos pioneiros, que deixaram por escrito as diretrizes conceituais e técnicas para atingir objetivos, cujo resultado seria a descoberta de mais uma alternativa para a formação profissional.



### Conhecimento sem fronteiras

Eu gostaria de esmiuçar um pouco mais essa última categoria temática – a teoria da iluminação cênica. Eu defendo a ideia de que a teoria possui um valor prático porque as próximas gerações de profissionais não têm a necessidade de enfrentar as mesmas dúvidas que os pioneiros tiveram quando desbravaram, na marra, o caminho profissional, que, às vezes, era um verdadeiro experimento do tipo “tomara que dê certo”.

A teoria funciona como o “caminho das pedras”. Já pensou se os médicos e farmacêuticos ainda dependessem das tradições dos xamãs das tribos pioneiras que experimentavam plantas e ervas da floresta? O médico estuda na teoria, por exemplo, a anatomia humana e aprende a diferença entre tecido ósseo e tecido muscular sem necessariamente ter que fazer alguém sangrar. O farmacêutico aprende a diferença entre um composto ácido e um alcalino sem necessariamente colocar em risco sua pele. É lamentável perceber que a palavra teoria é entendida equivocadamente por algumas pessoas como sinônimo popular de “devaneio”, “blá-blá-blá”, “viagem da cabeça” etc.

Teoria é uma coisa, conversa jogada fora é outra. A teoria é a descrição em forma de texto da experiência histórica de uma prática. A teoria é a socialização da experiência catalogada diretamente do mundo prático. É o fruto da

“isso é papo furado, isso é teoria” me lembra um tambor que faz muito barulho, mas que é oco por dentro. Devido à confusão, a teoria é classificada na conversa de rua como se fosse um prejuízo intelectual, quando, consequentemente, essa deturpação conceitual se desdobra em desperdício do valor prático da teoria, que, dentre outras coisas, contribui para poupar o tempo, o dinheiro e a satisfação de quem contrata um profissional com conhecimento prático e teórico.

Em matemática,  $2 + 2 = 4$ ; em música, dó-mi-sol é um acorde perfeito maior; em iluminação, RGB são cores-luz diferentes das cores-pigmento, ambas com resultados previsíveis na prática. Basta um iniciante na profissão de iluminação cênica buscar textos com conteúdos fornecidos pelos mais experientes, nos quais expressam por escrito sua experiência histórica, para, assim, poupar-se de experiências do tipo “tentativa e erro”. Muitos profissionais da iluminação cênica, de algum modo, já deixaram registros escritos de sua prática e ainda o fazem quando participam de fóruns e sites, ou de entrevistas e livros que são publicados e findam por modelar parte da cultura da iluminação cênica. Caberia a cada um descobrir se aquilo que encontra por escrito nesse universo cultural tão rico e multidisciplinar traz mensagens de maior teor filosófico, histórico, crítico ou teórico.



### Ideias compartilhadas

árvore plantada pelo grupo que se preocupou em registrar cada passo de sua atividade. A interpretação popular, quase ingênua, resultante da divagação sem referenciais que distorce e confunde a palavra “teoria” quando se diz

## Pausa para uma xícara de chá

Gostaria de recomendar os seguintes livros:

- Origens culturais da aquisição do conhecimento humano (Michael Tomasello)
- A identidade cultural na pós-modernidade (Stuart Hall)
- Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho (Fernando Hernández)
- Cultura: um conceito antropológico (Roque de Barros Laraia)
- O que é cultura (José Luiz dos Santos)



*Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: [diretoria@jamilertormann.com](mailto:diretoria@jamilertormann.com)*